

## 5

### Conclusão: Nietzsche e a *deformação*

A dissertação tentou pensar a relação entre a solução de Nietzsche para o problema mente e corpo e a as suas concepções de doença e de saúde. Defendi que esses dois temas estão intrinsecamente conectados na obra nietzschiana.

No Capítulo 2, tentei explicitar essa conexão por meio de uma abordagem introdutória das três principais linhas de pesquisa sobre Nietzsche: a *Metafísica*, a *Ficcionalista* e a *Naturalista*. Para tanto, privilegiei as leituras de três dos principais representantes dessas tradições: Heidegger (1961), Foucault (1971) e Moore (2002) respectivamente. Meu argumento foi que essas intérpretes apontam para as seguintes três soluções para o problema mente e corpo em Nietzsche correspondentemente: *Dualismo Metafísico Invertido*, *Monismo Ficcionalista* e *Monismo Naturalista*. Essas posições são respectivamente correlatas a três concepções de doença e saúde: *Metafísica*, *Cultural* e *Fisiológica*.

No Capítulo 3, procurei desenvolver uma interpretação que combinasse elementos do *Naturalismo* e do *Ficcionalismo* e que, ao fazer isso, dificultasse a identificação de Nietzsche ao pensamento *Metafísico*. Aleguei que Nietzsche concebe um *Monismo Natural Ficcionalismo* e que o seu pensamento não parece ser, senão, a exposição sintomática e paradoxal dessa posição. Nietzsche, em suma, parece tentar pensar *como se sem metáfora* — tal como indica o título da dissertação.

No Capítulo 4, por fim, interpretei as concepções nietzschianas de doença e saúde a partir dessa posição. Meu ponto foi mostrar que Nietzsche concebe a doença e a saúde *fisio-psicologicamente*: os que negam a guerra da mente *com* o corpo, i.e., os cristãos, adoecem; os que, como nobres, a afirmam se aproximam da saúde. Tentei explicitar ainda que essa visão sobre a saúde não aponta para uma espécie de retorno ao animal, passado, pré-moral. Na verdade, Nietzsche defende uma superação do homem, presente, moral, em nome de um super-homem, futuro, extra-moral.

Eu espero que essa análise me permita formular a seguinte conclusão: *por um lado*, essa espécie de *semântica da deformação* — abordada no capítulo 4 — parece indicar que Nietzsche adota a concepção técnica ou recorrente de

deformação como algo negativo. Nesse viés, a deformação precisaria ser entendida como um desvio de uma forma ou de uma natureza humana. *Por outro lado*, porém, a obra nietzschiana aponta *implicitamente* para a presença de um *conceito neutro de deformação*. A questão — como já apontei no capítulo 3 — é que Nietzsche parece indicar que o homem “é” a *deformação* que resulta da mútua intervenção anômala entre as instâncias psicológica / ficcional (“como se”) e fisiológica / natural (“sem metáfora”), entre a cultura e a natureza, a liberdade e o determinismo, a doença e a saúde, etc. Nesse segundo sentido, a *deformação* não seria um desvio da forma ou da natureza humana. Na verdade, ela indicaria que essas não existem: o homem seria “deformado na origem” [*Missgeborenen von Anbeginn*] (*GM III 14*), e ser *deformado*, i.e., não ter uma forma ou natureza metafísica propriamente sua, seria paradoxalmente o “propriamente” humano. É preciso notar ainda que Nietzsche diz que o cristianismo, sua moral e seus conceitos tornaram o homem doente, ao pressuporem que ele estaria aquém de uma forma ou de uma natureza perfeita. Zaratustra — como citado no capítulo 4 — diz que “Deus é um pensamento que torna **torto** [*Krumm*] tudo o que é reto e faz girar tudo o que está parado. (...) Más e **anti-humanas** [*Menschenfeindlich*] chamo todas essas doutrinas do uno e perfeito e imóvel e sácio e imperecível”. (*Z II 2*) [**meus grifos**] De maneira que é como se Nietzsche dissesse: os doentes estão deformados (no sentido negativo), porque eles negam a *deformação* (no sentido neutro); os saudáveis (ou, ao menos os que mais se aproximam da saúde) são os que afirmam essa *deformação* (no sentido neutro).

Acredito, então, que a pesquisa apresentada aqui pode ser desenvolvida de duas maneiras: uma *interna*, outra *externa* à obra de Nietzsche. Mais exatamente:

1. como disse na introdução, minha pretensão aqui foi *dialogar* com a tradição crítica nietzschiana de uma maneira relativamente “nova”. Minha análise, porém, focalizou num tema consideravelmente restrito do pensamento de Nietzsche: i.e., a relação entre a sua solução para o problema mente e corpo e as suas concepções de doença e saúde. Uma abordagem mais abrangente da obra nietzschiana que considerasse outros conceitos tais como o de “vontade de poder”, “eterno retorno”, “niilismo”, etc., *talvez* me permitisse elevar o tom e transformar esse *diálogo* com a tradição em *crítica*;

2. como igualmente indiquei na introdução, as questões (problema mente e corpo; doença e saúde) abordadas aqui — *exclusivamente* a partir da obra nietzschiana — são debatidas contemporaneamente pela filosofia da mente e pela bioética correspondentemente. Nessas áreas, o pensamento de Nietzsche é praticamente ignorado. Apenas um estudo mais amplo que fosse capaz de criar um diálogo entre essas correntes contemporâneas e Nietzsche me permitiria afirmar se essa ignorância se justifica, ou se Nietzsche tem algo para dizer para os filósofos dessas áreas.

É, portanto, suspendida na indecisão entre esses dois caminhos de pesquisa que essa dissertação termina.